

A economia segundo São Pedro

O Brasil
JOSEMAR DANTAS

01 DEZ 1990

Havia três dias que Pedro, encantado com a sedução diabólica do jogo, atirava os dados sobre o pano verde, em disputa com outros obstinados jogadores. Eram três os dados. Para salvar o seu discípulo predileto de irrecorrível condenação às penas do Inferno, Jesus resolveu ir pessoalmente resgatá-lo do cenário dissolvente da batota.

— Vamos, Pedro. Chega de atentar contra os desígnios de Deus — ordenou o Mestre.
— Senhor, respondeu o Apóstolo, eu Vos obedeço, mas faço um pedido. Jogai conosco só por um momento. Assim, ficareis ciente de que não é tão grande o meu pecado, se imensa é a tentação de cometê-lo.

Jesus aquiesceu. Então Pedro, após chocalhar os dados entre as mãos juntas em concha, deitou-os com estrépito sobre a mesa. Três senas, o maior jogo possível. Jesus recolheu os dados e, após repetir o ritual seguido por Pedro, lançou-os calmamente. Apareceram quatro senas.

“Perdão, Senhor”, advertiu Pedro, constrangido. “Mas, aqui, milagres não valem”.

Talvez não fosse necessário recorrer ao estilo fabular e a uma certa irreverência evangélicamente condenável para demonstrar que as relações matemáticas projetam resultados insuscitáveis de mudanças. Mas, joga-se hoje no Brasil uma partida econômica alheia à exatidão dos números e dos efeitos que serão necessariamente provocados.

A política monetária fundada na apreensão exaustiva do meio circulante e na prática de juros por assim dizer extorsivos, gera consequências associadas à fatalidade matemática. À força do crescimento anormal de custos, nos estratos empresariais que se arriscam a financiar capital de giro com o crédito bancário, exacerbam-se os preços a

nível do consumidor. É a inflação. E os demais segmentos produtivos, que evitam operar sob tão ameaçadoras condições de risco, são compelidos a reduzir drasticamente as operações e, por efeito óbvio, a força de trabalho. Aí se produzem a recessão e o desemprego.

O quadro geral de recessão e inflação, socialmente marcado pelo crescimento desastoso dos índices de desemprego, é certamente o fenômeno mais visível, hoje, na realidade brasileira. Enxergam-no, sobretudo, aqueles que não embotaram o raciocínio crítico com as doses de marketing político servidas cavalarmente à sociedade, principalmente através dos meios eletrônicos de comunicação, com a tevê em posição exponencial.

Uma espécie de volúpia monetarista, algo quase patológico, contaminou todos os instrumentos mobilizados para o combate à inflação. Não há outra forma de explicar por que, à falta de linhas adequadas de financiamento, condenou-se a agricultura a regredir aos estágios produtivos de cinco anos atrás. Pior é que, em flagrante contradição à coerência das relações numéricas, espera-se estabilizar os preços dos gêneros de primeira necessidade com uma oferta ao mercado 40 por cento inferior.

Soam, portanto, com florentina dubiedade certas proclamações em favor da modernização do sistema econômico, quando a estrutura existente desmorona, debilita-se, suporta-se por força de catástrofico contingenciamento das ações em curso.

A história de Pedro em disputa com Jesus em jogo de dados tem, como em qualquer outra fábula, um conceito-moral a ser extraído. No caso é o de que, nos números como na economia, o milagre é impossível. O último que houve por aqui não passou de uma monstruosa fraude.